

PESSOA ILIMITADO :: Intertextualidade, metamorfose, apropriação

[Rui Torres, UFP-Porto, 13-06-2014]

Introdução

1. As biografias do poeta e dos vários heterónimos, a preto e branco, sinalizando uma iconografia que deriva do traço fotográfico, mas também da pintura de Almada, entre outros futuristas, obriga-me a um primeiro movimento, ampliando o estranhamento a que me sujeitou, e desfamiliarizando-o com o aparato crítico que tenho como casa do meu ser.

2. Depois, um segundo movimento. A produção poética de Pessoa, ilustrada a cores, acentuando a metamorfose - já inerente - nos poemas colhidos a Campos, Reis, Caeiro e Bernardo Soares, motiva-me um outro tipo de diálogo, expansivo, em busca dessa semiose ilimitada da poética pessoana em particular, e da textualidade, em geral.

Movimento 1

Mote, de Alberto Caeiro: “leve, leve, muito leve, um vento muito leve passa - e vai-se - sempre muito leve (...)” [In “O Guardador de Rebanhos”, Alberto Caeiro, 1ª publ. in Athena, nº 4, Lisboa, Janeiro 1925].¹

Laura Perez Verneti está habituada a adaptar. Desenhar, aliás escrever, implica uma certa operação de tradução, de mediação, isto é, de relação. Como ilustradora, sabe pelo ofício do seu labor que os textos cruzam diferentes registos, expandem-se ou contraem-se no jogo dos géneros, assumem e ecoam diferentes personalidades. Foi o que fez com Kafka, e agora com Pessoa, curiosamente neles encontrando elo: nesse abismo que separa o mundo interior complexo – amplificável ou ampliável em imagens – e o aborrecido das (suas) vidas quotidianas.

Mas, pergunte-se: o que constitui uma adaptação de textos escritos com recurso à linguagem verbal, para uma narrativa visual? Quais as consequências da integração, num mesmo plano, de texto escrito e imagem? E, por fim: pode uma narrativa visual (uma novela gráfica, um conjunto de ilustrações) dialogar (apropriando, relendo), um texto, ou conjunto de textos, contribuindo para a metamorfose do sentido que percorre toda a textualidade? Como sai desta adaptação Pessoa? Ainda existe, ou alguma vez existiu sequer, um Pessoa? Estas são algumas das questões que se levantam quando nos deparamos com um objecto como este *Pessoa & Cia*, de Laura Perez Verneti, autora que nos honra com a sua presença aqui hoje.

Varição #276 [contaminada por léxico dos heterónimos]: “negro, frenético, muito hesitante, um nome muito efêmero resiste - e luta - sempre muito fatal”.

Naturalmente que estas questões trazem consigo outras inquietações: estará a banda desenhada legitimada como linguagem, como arte? Se sim, como julgo saber e concordar, que preconceitos subsistem [aqui, na academia] em relação à literariedade destas formas? E de onde derivam, tanto histórica quanto esteticamente, esses

¹ Variações programadas pelo autor usando o Poemario.js, motor de combinatória textual concebido pelo autor com programação em Javascript de Nuno F. Ferreira (2014).

preconceitos? Estas são questões importantes, mas que eu não pretendo (nem teria tempo para) com a minha comunicação avaliar.

Aqui, agora, inspirado por *Pessoa & Cia*, pretendo contribuir com uma aproximação ao diálogo, não tanto sobre o modo como Laura Verneti o materializou nesta obra (outros melhores do que eu o farão, ou assim espero), mas antes sob o ponto de vista da teoria da intertextualidade e da transposição. Numa palavra: do ponto de vista da recepção, ou da leitura.

Varição #12: “reluzente, impalpável, muito disforme, um negrume muito escuro chora - e resiste - sempre muito oculto”.

Leitura como tradução contemporânea (no presente) de uma tradição (de um passado). Leitura como revisão. As relações dialógicas entre os textos são despertadas pelo processo de leitura, já o sabemos. Escrita como leitura, portanto. Re-escrita das biografias de Pessoa, ou da biografia dos Pessoas, neste caso.

Bernardo Soares, no *Livro do Desassossego*: “Releio, sim, estas páginas que representam horas pobres, pequenos sossegos ou ilusões (...) Releio? Menti! Não ousou reler. Não posso reler. De que me serve reler? O que está ali é outro. Já não compreendo nada...”

O poeta brasileiro Haroldo de Campos falou de um movimento plagiotrópico das formas culturalmente fixadas, isto é, ele sinalizou a existência de um conjunto abundante de textos na literatura portuguesa que encenam a transformação e a devoração da tradição.

Varição #1253: “eléctrico, furioso, muito meticuloso, um espírito muito mecânico queixa-se - e tarda - sempre muito ignoto”.

Todos os textos, intencionalmente ou não, estão marcados por uma certa atitude crítico-lúdico-transgressora, como diz Prazeres Gomes no seu livro *Outrora Agora*. Leitura, relação, diálogo. Ou metalinguagem, dialogismo, tradução. Os textos, como os leitores, transportam consigo uma potencial operação tradutora, no sentido em que se abrem ao futuro. São tradição em movimento, como disse Herberto Helder.

Ora, se esta plagiotropia, este diálogo, é um movimento inalienável da literatura, então também esta adaptação de textos poéticos de Fernando Pessoa, numa concretização figurativa, embora à partida pareça congelar [concentrando numa imagem...] os sentidos abertos no texto, plasmados que são na aparente fixidez discreta da imagem, pode, igualmente, ser vista como um apelo a essa incessante transformação dos textos. Um movimento de resgate, de pulverização (ou polinização).

E cartografar a constelação de relações entre os textos de Pessoa e as pranchas de Laura, implica um deslocamento da permanência da inscrição dessa releitura, para a entender, ao invés, como possível ponto de partida para novas leituras, novas retextualizações. Como um húmus, portanto. Os textos que transformam outros textos, colocando em acção a sua força latente, ressuscitando-os, acabam eles próprios por morrer, por se tornar tradição. Acabam eles próprios por gritar, como precisamente no *Húmus* de Raul Brandão: “É uma voz - são muitas vozes. É um grito - são muitos gritos. - É o grito contido há milhares de anos, o grito dos mortos libertos. Ouves o grito? Ouve-lo mais

alto, sempre mais alto e cada vez mais fundo?... - É preciso matar segunda vez os mortos.”

Varição #4: “inexplicável, inexorável, muito desconforme, um sobressalto muito reluzente dorme - e pesa - sempre muito humilde”.

Pessoa & Cia., nesse sentido, aguardará novas leituras, novas reinscrições. E a impermanência e a fragmentação que caracteriza o idioma destas textualidades dialogantes conduz-nos inevitavelmente a essa morte do sujeito enunciador, há muito anunciada, aqui enunciada.

Pessoa sabia (no sentido duplo de saber/sabor, com a mesma origem etimológica: ter conhecimento e ter provado) que não há, ainda assim, uma unidade enunciadora. Há heteroglossia, como explicou Bakhtin. Vozes que gritam.

Esta biografia de Pessoa [ou estas biografias de Pessoa, ou esta biografia dos Pessoas, etc.], aqui adaptada e retextualizada, é disso evidência: heteronímia como abertura interior para o diálogo com o cosmos, com a multiplicidade de significações possíveis inscritas na combinatória universal do sentido.

Movimento 2

Mote (a partir de poema Sophia de Mello Breyner Andresen, leitora de Fernando Pessoa): “como tu és leve e doce como um sono ! como tu és leve - mais leve do que a dança”.

A cores, uma segunda parte deste livro aqui em debate inclui poemas de Álvaro de Campos, “Nuvens”; de Ricardo Reis, “Vem sentar-te comigo, Lídia”; de Alberto Caeiro, dois, “Hoje de manhã saí muito cedo” e “O amor é uma companhia”; e três fragmentos do *Livro do Desassossego*, de Bernardo Soares.

Jorge Machado-Dias, em recensão a esta obra de Laura Perez Verneti, identifica o “traço duro, umas vezes grotesco, outras quase naif, herdeiro da estética das revistas da época da movida espanhola (...), [e ainda] o estilo anguloso e agressivo, (...) caricatural e expressionista.”

Combinando textos pré-existentes, mais do que os inventando, não estaremos aqui perante esse autor-função do regime de propriedade, a quem a nossa civilização pós-industrial (ou neo-liberal?) atribui autoridade? Na óptica que temos aqui articulado, todo texto se realiza em diálogo com o passado.

Varição #15: “como tu és silenciosa e irreal como um sussuro ! como tu és leve - mais secreta do que a imaginação”.

Leiamos, de novo, sempre pela primeira vez, T. S. Eliot: “o que acontece quando um novo trabalho de arte é criado é algo que acontece simultaneamente a todos os trabalhos que o precederam”...

Pessoa, claro, também, pela voz de Álvaro de Campos: “Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro, / Porque o presente é todo o passado e todo o futuro / (...)

Rugindo, rangendo, ciciando, estrugindo, ferreando. (...)”

Passado transformador, quando, como aqui, é transformado pelo conhecimento do presente. Diz Ana Hatherly: “O passado cultural de um povo (...) está sempre presente (...): o que faz falta é tomar consciência disso, porque, quando tal consciência ocorre, o que acontece é que ela entra na nossa vida e a transforma.”

Dialogismo ou mosaico textual, *Pessoa & Cia* é também, porém, ao adaptar Pessoa, auto-representação: artifício da autora para erguer voz, a sua voz (neste caso, o seu traço é a sua voz). E ainda bem que assim é, pois consegue, com muita precisão, recriar essa estética do processo que encontramos em Pessoa, isto é, “dessa actividade dinâmica da percepção, interpretação e produção” da obra de arte, como explica Linda Hutcheon no seu estudo sobre a paródia.

Repetição com diferença: “[r]elação estrutural e funcional de revisão crítica”, como disse ainda Hutcheon, aqui em relação às formas narrativas reflexivas da literatura contemporânea.

Varição 2: “como tu és plena e constante como um clarão ! como tu és lúcida - mais austera do que a brisa”.

A autora que aqui desenha e ilustra poemas de Pessoa cumpre uma função, e não uma mera actividade. Para ela, continuando (e apropriando) a descrição proposta por R. Barthes, escrever (ou desenhar, ou ilustrar, ou pintar) pressupõe um ofício, “inaugurando ambiguidades”.

O seu texto (imagem, escrita, diálogo), nesse sentido, não parece ser apenas um texto de prazer. Não “contenta, enche, dá euforia; (...) [não] está ligado a uma prática confortável de leitura”... Ele deverá ser visto, antes, como texto que nos coloca inevitavelmente em “situação de perda” (Barthes, de novo).

O poeta português Herberto Helder, numa entrevista já antiga dada ao saudoso Eduardo Prado Coelho, dizia que “ler um poema é poder fazê-lo, refazê-lo”.

Varição #875: “como tu és vulnerável e fiel como um nascimento ! como tu és irreal - mais cintilante do que a literatura”.

Muito depois de Eco, também Laura Vernetti nos mostra que o “nosso Pessoa” estará sempre incompleto. Pessoa ilimitado. A sua obra, tentativamente canonizada pelo mercado editorial, mas certamente disseminada abertamente pelos quatro cantos da Internet, estará sempre entretecida “de espaços em branco, de interstícios a encher”, como dizia o autor de *Obra aberta*.

E, por isso, *Pessoa & Cia* é também parte desse diálogo universal das formas abertas, “discurso vivo (...) determinado pelo discurso-resposta futuro, provocando-a, pressentindo-a”, como quis M. Bakhtin.

“O ouro natural é vivo”, disse Herberto Helder. E a transmutação aparece a este poeta, por isso, como o fundamento geral e universal do mundo. Por isso, “[t]rabalhar na transmutação, na transformação, na metamorfose, é obra própria nossa”.